

OS JUDEUS NA AMAZÔNIA: ANTISSEMISTISMO E LITERATURA¹

JEWS IN THE AMAZON: ANTI-SEMISTISM AND LITERATURE

Envio: 30/03/2020 ◆ Aceite: 04/05/2020

Alessandra F. Conde da Silva



Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. Vinculada à Faculdade de Letras (FALE) do Campus de Bragança –Pa. Coordenadora do projeto de pesquisa “Ecos sefarditas: judeus na Amazônia”.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a iconografia do judeu na Amazônia, presente em alguns textos literários de autoria de escritores judeus sefarditas, como Paulo Jacob, Marcos Serruya, Sultana Levy Rosenblatt, e Leão Pacífico Esaguy. Tomaremos como referência e aporte teórico e histórico as obras de Samuel Benchimol (2008), Henrique Veltman (2005), Nachman Falbel (2008), Umberto Eco (2007), Moacyr Scliar (1985, 1997, 2011), e outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Iconografia do judeu; Judeu sefardita; Paulo Jacob, Marcos Serruya e Sultana Levy Rosenblatt e Leão Pacífico Esaguy.

ABSTRACT

This work presents a discussion about the iconography of the Jew, in the Amazon, found in some literary texts written by descendants of Sephardic Jews, such as Paulo Jacob, Marcos Serruya, Sultana Levy Rosenblatt e Leão Pacífico esaguy. As a reference and as a historical and theoretical contribution, we will take the works of Samuel Benchimol (2008), Henrique Veltman (2005), Nachman Falbel (2008), Umberto Eco (2007), Moacyr Scliar (1985, 1997, 2011), and other scholars.

KEYWORDS: Iconography of the Jew; Sephardic Jew; Paulo Jacob, Marcos Serruya, Sultana Levy Rosenblatt and Leão Pacífico Esaguy.

¹ Este trabalho foi, parcialmente, publicado na revista *Hispanista* (Revista Electronica de los Hispanistas de Brasil [Edição em português]. v. XX, p. 10-12, 2019), com o título *Iconografia do judeu na Amazônia*. Nesta versão há acréscimos.

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, Inglês de Sousa, no conto *O baile do judeu*, descreve peculiaridades psicológicas a propósito da figura do judeu: “Ora, um dia, lembrou-se o Judeu de dar um baile e atreveu-se a convidar a gente da terra [...] Lá estavam, em plena judiaria, pois assim se pode chamar a casa de um malvado Judeu [...]” (SOUSA, 2004, p. 103). O atrevido e “malvado judeu”, possível adorador de uma “cabeça de cavalo” e “inimigo da Igreja” (SOUSA, 2004, p. 103) perpetua a imagem do judeu assassino de Cristo que a tradição literária e iconográfica desde a Idade Média ajudou a formar no imaginário sobre o judeu. Na *História da feiúra* de Umberto Eco (2007, p. 266), o judeu é descrito como pessoa de aspecto feio. É um ser do mal. Deve ser temido. Assim, maldade e feiura andam juntas: “O rosto, a voz, os gestos do ‘feio’ judeu tornam-se (e desta vez a sério) sinais da deformidade moral do anti-semita. Invertendo um dito de Brecht, o ódio contra a justiça ‘endurece os rostos” (ECO, 2007, p. 267). Em textos medievais como em *A demanda do Santo Graal*, o judeu é descrito como um homem muito velho, desnudo e com longa cabeleira. Trata-se, na verdade, de Caifás, sumo sacerdote do templo hebreu, na época de Cristo. No conto, inicialmente, não se sabe se é homem ou mulher. Sua imagem é asquerosa, esquelética, principalmente porque é condenado a padecer a fome eterna (DSG, 1995, p. 316-317).

No século XVI, Shakespeare (2001, p. 18) faz Lanceloto Gobbo repercutir a imagem do judeu ligada ao demônio que a tradição medieval reverberou: “Não há dúvida, o judeu é a própria encarnação do diabo [...]”. Ainda em tempos medievais, houve a divulgação da lenda do judeu errante, do qual o judeu Caifás, da Demanda, derivaria. Segundo a lenda, Ashver era um sapateiro da Via Dolorosa que foi condenado a perambular eternamente pelo mundo por escorraçar Jesus de sua porta. A condenação é brutal, renunciando a tragédia judaica de um povo errante, que a partir do século XIX ganha maior exposição. Este personagem obteve com o tempo outros retratos que o aproximaram da imagem do feiticeiro e de Anti-Cristo como se vê, por exemplo, na literatura de cordel nordestina, como comenta-nos Jerusa Pires Ferreira (2000).

Com esta temática, poetas nacionais produziram poesias belíssimas. O judeu errante torna-se tema da eterna peregrinação e solidão. Castro Alves, com o seu *Ahasverus e o gênio*, de *Espumas Flutuantes*, Carlos Drummond de Andrade com *A incômoda companhia do Judeu Errante*, da obra *Boitempo*, e o *Judeu errante* de Vinícius de Moraes, pertencente ao livro *O*

caminho para a distância são exemplos deste mito literalizado. Marie-France Rouart (apud BRUNEL, 1998, p. 667), no *Dicionário de Mitos Literários*, de Pierre Brunel, comenta que vindo o mito da tradição oral, ganhou grande expressão na literatura:

Valorizado por sua dupla história, humana e teológica, o Judeu errante fascina tanto por sua fábula como por seu discurso: ele está ligado à cultura popular, que procede por identificação com o réprobo, da mesma forma que à cultura erudita. Cada autor pode ver nele, de fato, o porta-voz de uma ideologia ou de uma controvérsia. (ROUART apud BRUNEL, 1998, p. 667).

O conto de Euclides da Cunha, *Judas-Ahsverus*, une duas figuras da tradição cristã. A imagem de Judas é associada a do judeu errante. Euclides o contextualiza entre os seringueiros do Alto Purus, evocando a tradição da malhação do Judas: “E judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio” (CUNHA, 1999, p. 56).

No século XX, a imagem maléfica do judeu permanece. Em *Maus, graphic novel* de Art Spiegelman (2009), os judeus são ratos, enquanto seus algozes nazistas são desenhados como gatos. Em uma das tirinhas, vê-se um rato, por ordem dos nazistas, a segurar um cartaz com o dito: “Eu sou um judeu sujo” (SPIELGMAN, 2009, p. 35). Em *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, Castanho sentencia: “os judeus vão minando o nosso edifício social, preparando a queda da nossa civilização” (VERÍSSIMO, 1988, p. 163). Em *A guerra no Bom Fim*, de Moacyr Scliar (2011, p. 11), Marcos, o único judeu da escola, precisa lidar com o ódio do seu professor, alto, louro, de olhos azuis, que sempre acusava os judeus de causarem males à humanidade. Um polonês vocifera o seu ódio aos judeus erradicados no Rio Grande do Sul, enquanto a Segunda Guerra Mundial prosseguia na Europa:

– Judeus de uma figa! – gritava – Os alemães vão fazer a peça em vocês! Já começaram, está bom? Já começaram. Estão fazendo sabãozinho de vocês. Estão assando vocês nos fornos, que nem galinhas depenadas. Que nem churrasco! (SCLIAR, 2011, p. 14).

Mas nem sempre o judeu fez parte da iconografia do horror e do medo. Talvez melhor deveríamos dizer que a judia logrou iconografia, ligeiramente, menos antissemita. Baudelaire cantou a beleza da “judia vesga”, um tipo de “beleza meduséia” (PRAZ, 1996, p. 59) que seduzia e aterrorizava ao mesmo tempo. Mas o Romantismo emprestou à judia uma outra imagem. Tomás Ribeiro, em 1868, na literatura portuguesa, com *A judia*, poesia pertencente à antologia *Sons que passam*, apresenta um caráter passadista, descrevendo a judia com olhos ternos, condescendentes e apaixonados: “Anjo sem pátria, branca fada errante, /perto ou

distante que de mim te vás, / há-de seguir-te uma saudade infinda, / hebreia linda, que dormindo estás”. (RIBEIRO, 1958, p. 251).

Na literatura inglesa, no século XIX, em “Daniel Deronda”, romance de George Eliot, pseudônimo literário de Mary Anne Evans, a judia é retratada com simpatia e indulgência. Deronda vê uma figura frágil e angelical, às margens do Tâmis. Mas algo de excêntrico chamou a sua atenção: “[...] sua beleza delicada, suas linhas harmoniosas e a cor de sua pele é que eram excepcionais, e isso tornava impossível não despertar interesse”. (ELIOT, 1997, p. 159). Quer a judia de Ribeiro quer a de Eliot são mulheres exóticas, lindas e sofridas. Mulheres sem pátria, peregrinas em um mundo mau: “Eu não tenho para onde ir”, diz a judia (ELIOT, 1997, p. 161). Na judia de Ribeiro, evoca-se a imagem do judeu errante:

Em todo o mundo estrangeira, / toda a vida peregrina! / Vede se há mais triste sina: / ser rica e não ter um lar! / Sempre a lenda de Asevero! / sempre o decreto divino! / sempre a expulsar-me o destino, como Abraão à pobre Agar! / Que pode valer à hebreia / sentir n'alma chama infinda (RIBEIRO, 1958, p. 255).

Entre aspectos de condenação e de piedade construiu-se um *corpus* iconográfico a respeito do judeu e da judia, não apenas na literatura produzida na Europa ou por escritores de renome nacional, mas na Amazônia, essas imagens ganham relevo e expressividade.

Na literatura feita na Amazônia veem-se os mesmos ecos que a tradição literária europeia se serviu ao longo dos tempos. Em Inglês de Sousa, a casa do judeu é a casa do demônio, espaço em que criaturas sobrenaturais surgem para corromper e seduzir as pessoas. Não estaria a figura do judeu aliada à imagem do demônio? Além disso, perdurou a tradição que associou o judeu ao lucro, à agiotagem, à maldade e à perversão. Luís Câmara Cascudo apresenta um extenso vocabulário agressivo em que o judeu foi representado na tradição ibérica e também nacional:

Judeu era o onzenário, agiota, impiedoso, insensível, sádico, perverso, cruel. Judiaria, malvadeza, sadismo, perversidade. Judiar, maltratar, fazer sofrer, mutilar, seviciar, torturar. Moraes diz judiar, escarnecer; judiaria, covardia. Judiaria, mofa, escárnio acintoso, zombaria, em Portugal (CÂMARA CASCU DO, 2001, p. 149)

Em textos produzidos por escritores judeus sefarditas, há uma outra construção imagética referente aos judeus. Os sefarditas imigraram para terras amazônicas desde o início do século XIX. Advindos muitos deles do Marrocos, buscaram na Amazônia um espaço de

refúgio. Sempre errantes, já haviam sido expulsos da Península Ibérica desde o final do século XV e em terras marroquinas, do Império Otomano, europeias e mesmo brasileiras, ainda no século XVI, buscaram abrigo. Judeus askenazitas, de origem europeia, também imigraram para a Amazônia ainda que em menor escala. Samuel Benchimol (2008), autor de *Eretz Amazônia*, comenta a propósito da imigração de judeus sobre estas terras:

Um número muito grande de famílias judaicas desapareceram para o judaísmo, pois seus descendentes no interior foram incorporados à massa anônima dos caboclos empobrecidos, que adotaram o culto católico, evangélico, espiritista e até umbandista, esquecendo de vez as suas origens ancestrais judaicas. Pelos nossos cálculos existem, hoje, em toda a Amazônia, cerca de 283.859 Judeus-caboclos, descendentes dos sefaraditas e forasteiros do Marrocos e de askenazitas europeus, cujas primeiras levas de migrantes chegaram à região a partir de 1810 (BENCHIMOL, 2008, p. 187)

Na história da imigração judaica no Brasil, adaptações, intercâmbios interculturais e ressignificações dos costumes e práticas culturais mostraram-se comuns, desde os primeiros movimentos colonizadores, acarretando um desfazimento da cultura judaica inicial e adoção de cultura religiosa outra no novo espaço de imigração. Nas regiões norte e nordeste, sobretudo na segunda, restam ainda resquícios de rituais judaicos, assunto debatido por Câmara Cascudo (2001, p. 161), a respeito da presença judaica no Brasil. Benchimol (2008, p. 170) comenta sobre a necessidade de se modificar a dieta ritualística judaica em terras amazônicas, adotando temperos e alimentos amazônicos. De igual modo, o Rabino Nilton Bonder (2010) atesta que

diferente do que se apregoa, os judeus costumam acolher as culturas e as identidades com as quais interagem. Atesta isso o ato de adicionar idiomas de sua origem (Hebraico, Ladino, Arbia-Raquitia), além de influências nos costumes, culinária, artes e interesses em geral integrados como parte do patrimônio da cultura dos antepassados. Tal permeabilidade é a grande responsável pela manutenção da identidade e esta medida entre ser refratário e acolhedor ao contexto acaba por estabelecer um novo e criativo diálogo do qual emerge um inédito personagem. Neste particular o judeu sefardita demonstra maestria: ele finca novas raízes entre umbus, sapucaias e andirobas, mas de seu caule ainda verte o látex ancestral (BONDER, 2010, p. 11).

Além disso, há a devoção ao rabino Shalom Emanuel Muyal, sepultado em Manaus, no cemitério São João Batista, que ganhou a atenção da comunidade judaica, que rende honras à sua memória, e da comunidade católica que lhe presta orações e oferendas, na busca por graças e milagres. Segundo os não-judeus, o rabino Muyal faria diversos milagres (LINS, 2010,

p. 154-155). Neste caso, a iconografia do judeu foi alterada. Já não se trata mais de apresentá-lo como o mau judeu, assassino de Cristo, mas agora a sua imagem conduz à devoção e à piedade.

“JUDEUS SEM DISFARCE DE QUALQUER NATUREZA...”

Na literatura amazônica, há quatro escritores sefarditas que retrataram judeus em suas obras: Paulo Jacob, Marcos Serruya, Sultana Levy Rosenblatt e Leão Pacífico Esaguy. A diversidade iconográfica a propósito do judeu nestas obras revela alguns capítulos da história judaica no Brasil, sobretudo na Amazônia.

O amazonense Paulo Jacob (1981), em *Chuva Branca*, apresenta um personagem judeu, dono de venda. O judeu Salomão recebe o ódio de Luís Chato por ser avaro e desonesto nos negócios:

Aquele sacana do Salomão comeu meu dinheiro, mentindo. Vendeu como ouro. Mariana achou bonita, fiz a fita de comprar. No mesmo dia apalavrei o trato de venda. Salomão concordou. Guardava na caixa, ia bem, no terceiro dia do casamento mareou. Ficou de azinhavre igual casca de bala. Tive vontade de quebrar a cara do puto judeu, esculhambei a valer, disse o que deu na cabeça (JACOB, 1981, p. 126).

Nesta obra, Paulo Jacob reproduz o discurso antissemita quando retrata a figura do judeu presente no imaginário popular amazônico: a do negociante desonesto. Samuel Benchimol (2008, p. 85) comenta que, na Amazônia, o judeu teve grande expressividade no comércio, sobretudo como regatão, o que despertou ressentimento e ódio travestido de concorrência comercial por parte dos grandes comerciantes. Além disso, acrescenta:

[...] um notável escritor amazônico, Raymundo Morais (*Na Planície Amazônica*, Manaus: Liv. Clássica, 1926), foi vítima desse preconceito anti-semita (contra judeus e “turcos”), ao traçar o perfil do comércio ambulante dos *regatões*, assim chamado na região amazônica, taxando o *tipo-hebraico* de insensível e espoliador, tomando assim o partido dos poderosos senhores *aviadores* de Belém e Manaus, que controlavam os seringais dos coronéis-de-barranco de origem nordestina, poder esse desafiado primeiro pelos judeus e depois pelos sírio-libaneses. (BENCHIMOL, 2008, p. 86).

Há outra imagem que também preenche o imaginário sobre o judeu na Amazônia. Na verdade, esta construção imagética ultrapassa a geografia amazônica, tonando-se uma realidade sul americana, sobretudo no Rio Grande do Sul e Argentina. Falamos da figura da polaca. O escritor belenense Marcos Serruya, em *Cabelos de fogo*, apresenta a história da

judia askenazita – judeus da Europa Oriental – Ana Júlia, obrigada e prostituir-se em terras amazônicas. Para Nachman Falbel,

a luta contra os traficantes de escravas brancas e a prostituição entre os judeus foi importante para afirmar a identidade judaica desde o início da sua imigração no continente sul-americano, e em especial na Argentina e no Brasil, onde os judeus eram denominados “russos”, “turcos” e “polacos”, este último nome associado aos tmeim (impuros) ou aos assim denominados chevre-leit (pessoal da sociedade ou do grupo), e, portanto, evitado pelos judeus. O termo “polaco” passará com o tempo a ter a conotação de traficante, ou cáften, assim como “polaca” equivalerá a prostituta aos olhos da população não-judia (FALBEL, 2008, p. 316).

A mesma temática vê-se em *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar². Nesta obra, é exposta a dramática história de Esther, judia askenazita, roubada de sua vila na Polônia e trazida ao Brasil, ao Rio Grande do Sul, para a prostituição. A referência à obra de Scliar dá-se, não somente pela similaridade dos enredos, mas pela importância que o autor paraense atribui à dita obra, referenciada na bibliografia utilizada pelo autor para compor o seu *Cabelos de fogo*. Em *A condição Judaica* (1985), Scliar, que era médico além de escritor, comenta que foi o contato travado com uma paciente, velha prostituta judia, que o inspirou a escrever sobre Esther e as garotas judias prostituídas pela Tzvi Midal, grupo mafioso judaico do início do século XX. A personagem construída por Serruya, de origem askenazita, trava alguns contatos com a comunidade sefardita em Belém. Nesta comunidade, em que grande parte dos irmãos eram *sefaraditas* – de origem da Península Ibérica – Ana não se sentia acolhida em razão de sua situação que feria os princípios éticos e morais da religião e não por sua origem *ashkenazi*. Considerando a história da formação da comunidade israelita na Amazônia, Samuel Benchimol comenta sobre a presença de judeus askenazitas entre os *sefaraditas*, mas não se cala frente à atitude de exclusão das chamadas polacas, vendidas à prostituição, consideradas *tmeyin*, impuras (SCLiar, 1985, p. 100-101):

Quando as judias polacas chegavam à América, Argentina, Brasil e Amazônia, já desvirginadas e não conhecendo o idioma local e não possuindo formação profissional e por serem jovens inexperientes, eram encaminhadas e vendidas para os proprietários de bordéis. Eram marginalizadas e discriminadas pelas comunidades judaicas locais, chegando a ter os próprios cemitérios no Rio de Janeiro e São Paulo (BENCHIMOL, 2008, p. 76).

² A respeito desta temática há ainda a obra de Esther Largman (1993), *Jovens polacas*. Ilko Minev (2015), autor búlgaro, de origem sefardita, radicado na Amazônia, em *A filha dos rios*, apresenta mote semelhante.

A propósito da relação entre sefarditas e askenazitas, Scliar em *A guerra no Bom Fim*, escreve a respeito do contato intrigante entre sefarditas e askenazitas. Aqueles judeus fugiriam ao estereótipo então conhecido dos judeus do Sul:

No Serafim, Joel viu pela primeira vez um sefaradi, um jovem judeu levantino, cuja família tinha vindo de Istambul, segundo uns, da misteriosa cidade de Alexandria, segundo outros. Seus antepassados, astuciosos financistas que emprestavam dinheiro aos reis de Castela, tinham sido expulsos da Espanha pela Inquisição e haviam se estabelecido na Ásia Menor. O sefaradi – Ely – era magro e trigueiro, ágil como um gato. Tinha olhos escuros, um sorriso debochado, e usava no dedo mínimo um anel de brilhantes. Seu pai não trabalhava, mas era rico. Tinha cavalos no Prado e dera ao filho uma égua chamada “Maktub” (SCLIAR, 2011, p. 34).

Para além da temática sobre a prostituição forçosa e a mulher judia, roubada do *shtetl*, o que em iídiche significa “cidadezinha”, lugar em que moravam os judeus de origem askenazita, Moacyr Scliar em *A majestade do Xingu* apresenta a história de Noel Nutels, “o médico dos índios” (SCLIAR, 1997, p. 9). Retratando uma passagem da história da imigração judaica no Brasil, Scliar mostrará uma outra imagem do judeu em terras brasileiras: a do intelectual e/ou a do judeu bem informado. Noel Nutels é esse judeu bem informado que ganha notoriedade em uma pequena cidade alagoana, o seu “*shtetl* alagoana” que o recebera amistosamente (SCLIAR, 1997, p. 16).

De igual modo, Eliezer Levy, pai da escritora Sultana Levy Rosenblatt, foi uma figura proeminente no Pará. Advogado de prestígio, foi ainda prefeito de Afuá no Pará e em Macapá, no Amapá. Tornou-se também coronel da Guarda Nacional e fundador do jornal sionista *Kol Israel* (“A voz de Israel”), em 1918, embora ficasse mais conhecido como Major Levy (FALBEL, 2008, p. 128). Segundo Nachman Falbel,

entre 1918 e 1926, Eliezer Levy atuou como advogado no escritório de Francisco Jucá Filho, Procurador-Geral da República, e Álvaro Adolfo da Silveira, deputado estadual e chefe do Partido Conservador. Ainda que ele pertencesse ao Partido Republicano Federal desde a sua fundação. Apesar das divergências políticas, sua amizade com os colegas de trabalho teria futuramente importância decisiva na posição brasileira durante a votação na ONU para a criação do Estado de Israel. [Além disso], o major Levy fundou o Grêmio Literário e Recreativo Theodoro Herzl, em 6 de dezembro de 1919. Finalidades do grêmio: reunir a nova geração em torno de valores espirituais e permitir a aproximação mútua. Em 20 de agosto de 1923, fundou a Biblioteca Max Nordau. Em seu discurso de inauguração, explicou que a entidade era “um lugar onde a mocidade poderá obter conhecimentos sobre sua origem e orgulhar-se de pertencer a uma raça ativa e tenaz, que tem dado ao mundo uma prova de civismo e que com seu profundo

conhecimento nas ciências, artes e letras, tem concorrido para o progresso da civilização. Seu envolvimento na política – prefeito de Macapá entre 1932 e 1947, convenceu o presidente Getúlio Vargas a transformar o município em Território do Amapá. Contudo ele não diminuiu sua atuação comunitária judaica. Em carta a Jacob Schneider de 19 de setembro de 1945, o sheliach da Organização Sionista Mundial, dr. Yuris, descrevia Eliezer Levy como “um fervoroso sionista e o mais valioso ativista de Belém, destacado judeu sefaradita, respeitado tanto pelos sefardim quanto pelos asquenazitas...e dos veteranos nacionalistas de Belém, que há 20 ou 30 anos passados publicou um jornal sionista” (FALBEL, 2008, p. 128 e 131).

A imagem do judeu benquista, bom político e figura intelectualmente próspera, ganha relevo na personalidade de Eliezer Levy. Mas Sultana Levy Rosenblatt (1951, p. 83), escritora nascida no Pará, em *Uma grande mancha de sol*, apresenta-nos um outro tipo de judeu que ultrapassa a imagem do judeu matador de Cristo, do Judeu errante ou do judeu usurário. Trata-se do judeu não religioso, mas orgulhoso de fazer parte da comunidade judaica, trazendo à memória a história sofrida dos judeus. Álvaro Bension era um idealista, como também o era o judeu comunista Isaac Babel de *Uma majestade no Xingu* de Moacyr Scliar. Babel advertiu aos companheiros judeus:

Será que vocês só pensam no próprio interesse, bradou, dando um murro na mesa e quase derrubando o samovar, será que vocês só querem ir para a América, aquela terra de exploradores, onde os índios são massacrados? Será que vocês não veem que nós, os bolcheviques, estamos construindo uma nova sociedade? E continuou, cada vez mais exaltado: o caminho traçado pelo camarada Lenin era correto e levaria à libertação dos oprimidos, o socialismo representando a redenção dos operários, dos camponeses, das minorias perseguidas; claro que para isso seria preciso lutar muito, e não por outra razão optara por juntar-se à cavalaria de Budyonny, mas essa luta deveria ser uma luta de todos, dos judeus, principalmente, que conheciam tão bem a opressão e a ameaça do extermínio. Terminada a longa arenga calou-se, ofegante. Parecia agora velho, velho e cansado. A verdade, disse, numa voz baixa, estrangulada, é que a Revolução não é uma festa, é a luta por um ideal, uma luta violenta na qual muitos inocentes serão sacrificados. Vocês... (SCLIAR, 1997, p. 23).

Embora o judeu da obra de Sultana Levy Rosenblatt (1951, p. 80-81), *Uma grande mancha de sol*, mostre-se um idealista, um intelectual, futuro médico, esta condição não excluiu o antigo hábito de insultos, recriminações e culpas lançadas aos judeus, ao longo dos séculos. À pequena Míriam, irmã de Álvaro, sentenciam: “- Beija Nosso Senhor. Olha como ele está todo ferido e com uma coroa de espinhos. – De espinhos? – perguntava a criança aflita. – Quem botou? – Foi tu, teu pai, todos os judeus” (ROSENBLATT, 1951, p. 78). O menino Elias Bension, no sábado de Aleluia, tem sua bela roupa de marinheiro manchada com seu sangue,

sangue de judeu, de criança judia, ao receber uma pedrada na testa (ROSENBLATT, 1951, p. 61). O ódio não poupou as crianças. Mas como a própria Sultana atestaria em *Antigamente era assim*, o antissemitismo a encontrou ainda criança. Ao descrever uma cena de escola, Sultana expressou a dura realidade pela qual passaram os judeus na Amazônia:

Logo na primeira aula a professora escreveu no quadro negro – Passem para o masculino as seguintes palavras: Sultana – Judia – Ladra – Galinha. Tomei um choque. Eu era Sultana e era judia, mas não era ladra de galinha. Mas fiz que não me apercebi (ROSENBLATT, apud COELHO, 2018, p. 41).

Na obra de Paulo Jacob, *Um pedaço de lua caía na mata*, há um outro perfil do judeu na Amazônia, que excede o estereótipo do regatão ou do comerciante inescrupuloso. Salomão recebe, vez por outra, esses rótulos, mas também é tachado de hábil negociador. Neste texto, o judeu Salomão logra a simpatia do padre da comunidade, tornando-se, até mesmo patrocinador e tesoureiro das festas da santa (JACOB, 1990, p. 129 e p. 27). Apesar das injúrias, Salomão procurou ensinar ao filho a não reagir com violência às injustiças. Ainda que tachados de judeus “capados”, dizia ao filho, com orgulho: “O povo de Deus vence pela inteligência, pela cultura e pela paciência. Nunca se viu um judeu sem saber ler nem escrever” (JACOB, 1990, p. 23).

Nos textos de cada um desses escritores de origem sefardita vê-se a marca da história e das injustiças sofridas pelos judeus. Arelada à memória estão as angústias, mas também o orgulho de serem judeus. Segundo Bella Jozef,

dentre as variantes que o judaísmo assume, falando diferentes línguas, manejando diferentes concepções de mundo, o escritor judeu escreve sobre a literatura do passado bíblico, do Holocausto, da repressão e do exílio, o sentido da morte e da vida, como testemunha e sobrevivente. Com obras de múltiplos significados, ampliou os espaços do imaginário e dos territórios ficcionais do patrimônio coletivo universal. Cada autor fala, a seu modo, de sua experiência, do ponto de vista pessoal. Sem as acumulações da memória, não temos cultura. Ser judeu, diz Elie Wiesel, “é viver com memória”. A memória é sobrevivência e um dos traços do relacionamento dos judeus com o mundo. Esses testemunhos mostram, uma vez mais, o poder da palavra contra o esquecimento. O povo judeu tem sobrevivido, desde sempre, pela palavra. Segundo a tradição, todos possuem a obrigação de transmitir sua experiência, de forma criativa, para explicar sua existência. “Lembre-se”, diz o pai a seu filho. Herdeiros de uma tradição, os judeus compartilham um passado comum, uma herança cultural comum e uma memória comum. A consciência histórica tem unido as gerações que vão transmitindo a tradição como herança pessoal e coletiva (JOZEF, 2009, p. 195).

Leão Pacífico Esaguy (1999), judeu nascido em Itacoatiara, em *Enxugas as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, constrói um judeu brioso de seu judaísmo:

- Eu nasci judeu e como judeu vou morrer. Não adianta renegar. É a alma da gente que é judia. Os séculos amalgamaram nela todo esse complexo de crenças, de fé, e de esperança que fazem da criatura um judeu. Em vão torturarei o seu corpo. O seu espírito e a sua mente permanecerão fiéis à inabalável convicção da fé no seu Deus, que é um Deus de bondade, de amor e de perdão. Pela minha própria natureza sou errante. Não gosto de parar muito tempo no mesmo lugar. O Amazonas, com o seu estirão imenso de rios, as suas matas incalculáveis, os seus mistérios ainda não desvendados, é o santuário da minha fé e da minha esperança. Há qualquer coisa de estranho nas profundezas dos rios, no inextricável da mata, na pureza intocada da poesia que dela emana que me prende aqui com uma força irresistível e contra a qual não tenho ânimo de lutar. Mas ao mesmo tempo que reduz todos os meus sentimentos ao capricho de sua vontade, ela me inspira uma sensação incomensurável de liberdade, incoercível, irreprimível, que se instilou em meu espírito e mente, elementos intocáveis que forma hoje a minha personalidade. (ESAGUY, 1999, p. 29).

Mesmo tendo casado com uma moça da região, não deixou de instruir o seu filho em sua religião. A Rafael, Jacob Benathar diz: “Faze todos os dias as orações que te ensinei” (ESAGUY, 1999, p. 66). O carneiro e o cabrito são trocados pelo peixe da região. Beiju, tapioca, batata doce passam a fazer parte da dieta do judeu amazônida, mas em sua memória a história e a tradição do povo judeu são passadas aos filhos, mesmo os filhos de mãe não judia, como em Esaguy, Paulo Jacob apresenta um Salomão preocupado em ensinar ao filho a tradição judaica. Suas palavras ecoam em terras amazônidas: “Precisa conhecer a lei de Moisés” (JACOB, 1990, p. 53), como ensinou Jacob Benathar a Rafael. Nos momentos de angústia deveria lembrar-se do Eterno, como bem o fez Benchaia, judeu que escapou de um episódio do mata-judeu, movimento antissemita ocorrido na Amazônia (BENCHIMOL 2008, p. 86). A propósito deste assunto, Reginaldo Jonas Heller (2009) comenta que, alavancado por razões comerciais e econômicas, o episódio do mata-judeu

ocorreu em 1901, nas localidades de Cametá, Baião, Mocajuba, Araquereruba, Mangabeira, Prainha, avançando pelas margens dos rios, onde os judeus tinham suas casas-armazéns, geralmente nos igarapés do "jacob", do "isaac" ou do "moisés". Foi quando ficou conhecido o episódio do "mata-judeu" e o massacre de Massauari, em Maués. Em Cametá, a anterior tranquilidade dos Sabbá transformou-se, repentinamente, em pilhagens e saques do comércio judeu, fazendo com que, na época, a comunidade buscasse refúgio em Belém (HELLER, 2009, p. 2).

Sentindo a morte de perto, Benchaia diz “meldei a minha shemá” (ESAGUY, 1999, p. 48), evocando as suas rezas e tradições.

Complementar a esta ideia, o escritor sefardita acrescenta à iconografia convencional a vivência peculiar na Amazônia. Entre insultos e conquistas, o judeu vai bem vivendo na nova terra. Paulo Jacob resume com excelência este capítulo da história da imigração sefardita na Amazônia:

Bons vividos em Parintins. A paz de Adonai encontrada tão longe. Confins distanciados de terras. Dois mil anos de andanças perdidas no mundo... A terra de nascimento devastada. Morar na judiaria. Muita malinação contra judeu. Aqui a salvação, a liberdade de viver”. (JACOB, 1990, p. 25).

Henrique Veltman (2005, p. 61) apresenta-nos uma pequena narrativa de Sultana Levy Rosenblatt sobre os rituais religiosos judaicos e a busca pela preservação da cultura:

Vale a pena reproduzir uma cena emocionante, narrada pela escritora Sultana Levi, em texto que nos foi entregue por sua prima Anita Levi Soares: "Estava de compras com uma prima, quando ela lembrou que devia ir a uma sinagoga improvisada (no Marajó), onde umas crianças vindas do interior iam ser circuncisadas, e fui com ela. Para minha surpresa, os meninos deviam ter de 9 a 12 anos. Eram três. E os três se aconchegavam um ao outro, calados, trêmulos de medo. Quando um velho de queixo comprido, contando os presentes, anunciou: - Já temos *minyam*, vamos começar. Desencadeou-se uma verdadeira tourada, ou "com que se prende o touro". Os meninos corriam, gritando, proferindo palavrões, defendendo com as mãos o lugar a ser operado, repetindo, "não me cape, seu desgraçado, seu filho da puta, não me cape". E os homens rindo, corriam atrás, cercavam, fechavam a saída nas portas, até conseguirem agarrar os três. De pés atados, ao som das orações próprias, foram circuncisados, diante de todos e sem qualquer anestesia. Minha prima era *chachamá* (sábida, estudiosa). Era descendente do grande rabino Eliezer Dabela, de quem herdou poderes sobrenaturais. Sua presença ao ato era necessária, porque ela tinha o dom de acalmar dores com a força de suas preces. Eu me escondi na outra sala, apavorada. Mas não ouvi gritos, pelo contrário, sons de alegria. Dentro em pouco, tudo estava terminado. Quando vieram me chamar para tomar parte na festa, fiquei surpreendida ao ver os três garotos comendo e bebendo entre os convivas. Já então sorriam e pareciam felizes. É que, mesmo vivendo no interior, na selva, eles aspiravam por este dia. Sentiam orgulho de ser judeus. Mas este orgulho não nasceu da liberdade de religião prometida aos imigrantes. Absolutamente. Eles tinham que lutar para manter o seu judaísmo" (VELTMAN, 2005, p. 61).

Em outro texto, *Brasil, terra da promessa*, presente em *Papéis*, Sultana (1999, p. 160), conta-nos uma história peculiar sobre a chegada dos primeiros judeus às terras brasileiras, vindos com Fernando de Noronha, um judeu. Neste caso, o judeu passa a ser visto como um desbravador. Eles “lançaram na terra selvagem as primeiras sementes da civilização”.

Seguindo esta perspectiva, a escritora judia traça a história da presença judaica no Brasil, considerando seus coirmãos como “colonos que preferiam o encontro com a aventura, o jogo da sorte entre índios antropófagos e os perigos da selva, aos horrores das perseguições inquisitoriais” (ROSENBLATT, 1999, p. 160). A mesma visão Sultana retoma em *Como viemos morar na Amazônia* (ROSENBLATT, 2009), crônica publicada na revista *Morasha*: “É que por esse tempo os rapazes judeus eram encorajados pelos próprios pais a procurarem nova vida, fosse onde fosse. Qualquer lugar seria melhor do que a existência em guetos rodeados de mouros inimigos”. A autora apresenta seus familiares e coirmãos, coetâneos ou não, como aventureiros, desbravadores. No entanto, a presença judaica não foi sempre pacífica e às claras. Nos fins do século XIX, “judeus sem disfarce de qualquer natureza” (ROSENBLATT, 1999, p. 170) chegaram à Amazônia, vindos do Marrocos e da Turquia. Viu-se a partir desta época que

as novas imigrações procuravam a Amazônia, esperando talvez que longe da civilização pudessem viver em paz, ou então atraídos pelas fábulas sobre as fáceis riquezas encontradas na região. Tudo resultou num sonho. Só conheceram a vida difícil e primitiva da selva. Lá mesmo muitas vezes foram vítimas de pogroms, saqueados, maltratados, e se algum chegou a gozar bem estar, depois de muitos anos de trabalho dentro da floresta hostil, longe ficou de se considerar rico. [...] Aceitavam a vida quase primitiva, em lugares onde ainda hoje a civilização mal penetrou. Casa, condições sanitárias, alimentos, ambiente, tudo em termos primários. Tornavam-se os médicos e professores dos filhos e da população vizinha. Contribuíam para o desenvolvimento da região com sua capacidade de trabalho e a assistência social que prestavam aos nativos. E como consequência da juventude em contato com a natureza, contribuíram também para o “melhor aspecto heterogêneo da gente”, casando-se ou coabitando com mulheres do lugar e com elas tendo filhos. (ROSENBLATT, 1999, p. 171).

De igual modo, Henrique Veltman ao comentar sobre a obra de Paulo Jacob, *Um pedaço de lua caía na mata*, atesta o contato entre a cultura judaica e a amazônica e a tentativa de Salomão de manter-se judeu em uma terra que o conduz à assimilação:

Escritor da Amazônia, Paulo Jacob, [...], conta em seu livro "Um pedaço de Lua Caía na Mata", (Nórdica, 1990), a história da família Farah, Salomão e Sara, e seus filhos Jacó e Raquel, em Parintins. É ficção, claro, mas calcada na vida real. Muito parecida com as memórias de Sultana Levy. Salomão luta para preservar sua tradição judaica, enquanto o meio ambiente trabalha no rumo da assimilação. A história é contada em 46 capítulos, cada um deles com títulos alusivos ao calendário judaico: Iom Kipur, Bar Mitzvá, Tishá Beav, Halom Tob. Pode-se traçar uma analogia entre a luta familiar de Salomão, no coração do planeta amazônico, e o encontro dos rios Negro e Solimões, cujas águas correm paralelamente, sem misturar-se por quilômetros sem fim. A

cultura judaica e a cultura amazônica, ali, têm contato direto e constante, andam lado a lado, tocam-se, reconhecem-se. Por fim, mesclam-se, inevitavelmente. (VELTMAN, 2005, p. 47).

Com o mesmo sentimento, reconhecendo os contatos culturais entre judeus e amazônidas, os amores, a linguagem, a alimentação, a religião, o narrador de *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, de Leão Pacífico Esaguy, arremata um discurso sobre a presença judaica em solo amazônico:

Os judeus que desbravam as selvas amazônicas e que ali permaneciam até morrer, seduzidos e encantados pela beleza imensa dos lugares, eram assim. Sabiam amar... eram mais patriotas que os próprios nativos. Davam filhos, netos e bisnetos a acabavam colonizando o lugarejo. Era comum, muito comum mesmo, verem-se caboclos com nomes judeus e com traços de judeus. E deles, havia até, os que praticavam a religião hebraica. Os judeus sabiam amar a terra e as criaturas. (ESAGUY, 1999, p. 240).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bella Jozef (2009, p. 194) comenta que ser judeu “é viver e contar sua memória”. Os escritores de origem judaica apresentam esta preocupação. Embora contando a seu modo, tal particularidade não retira o valor da escrita que pretende promover e divulgar a história judaica. O conjunto dessas perspectivas, das visões e narrativas produzidas por esses escritores judeus ajudam na formulação de um imaginário do judaísmo. Assim, nos textos sobre os judeus busca-se

reproduzir os gestos e os sons transmitidos pelas gerações, carregar em si a continuidade: a revisão do passado constitui o resgate de um legado cultural. Sentir e ver o temporal e o atemporal, com fé inquebrantável no homem e no direito do espírito. Ver a existência em deslumbramento contínuo diante de uma paisagem nova. (JOZEF, 2009, p. 194-195).

O catálogo de imagens sobre o judeu apresenta-o de modo distinto, como vimos. O escritor sefardita busca deslindar a história da presença judaico-sefardita na Amazônia: as agruras, as tristezas, as mazelas, as perseguições, mas também não fecha os olhos para as conquistas. Ele é orgulhoso de sua própria história, da trajetória de seus antepassados que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil. É claro que neste catálogo há imagens torpes do judeu. Não apenas segundo a visão do não judeu, por exemplo, ao trabalhar com a lenda do judeu errante, do povo assassino de Cristo, mas o escritor judeu também considera a própria desgraça: prostitutas, rufiões e ladrões judeus aparecem nos textos dos escritores

sefarditas. A história é contada e não quer ser esquecida, quer ser conhecida e refletida, como sugere Bella Jozef (2009, p. 196). Nem sempre essa história é contada por escritores renomados. Alguns escritos são produções de imigrantes, “os pioneiros da escrita” (IGEL, 1997, p. 7) ou de seus descendentes que já dominariam o idioma nacional. Segundo Regina Igel (1997, p. 7), “é necessário examinar a escrita judaica no país como integrante do mundo literário e do imaginário brasileiro”. Além disso, há os aditamentos linguísticos que alguns escritores da temática judaica acrescentam à obra. Paulo Jacob e Marcos Serruya seguiram esta prática: “Essa ponte linguística e cultural empresta uma personalidade singular à produção literária”, assim como enriquece os estudos da antropologia e a sociologia, “por oferecerem uma ampla visão de processos individuais e coletivos de adaptação, resistência, acomodação e conciliação dos imigrantes em relação ao novo meio ambiente” (IGEL, 1997, p. 8). Assim, contando e traduzindo, o escritor judeu, no nosso caso, o judeu de origem sefardita, mostra-nos diversos rostos e aspectos do judeu que buscou, na Amazônia, a sua *Eretz*, sua terra de refúgio.

REFERÊNCIAS

- A DEMANDA do Santo Graal.** Edição de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1995.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia. Os judeus na Amazônia*. Manaus: Valer, 2008.
- BONDER, Nilton. Apresentação. In: Reginaldo Jonas Heller. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. p. 11-12.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.
- COELHO, Marinilce Oliveira. **A arte da lembrança: A literatura de Sultana Levy Rosenblatt na Amazônia.** *Faces da história*, Assis-SP, v.5, n.º 2, p. 31-46, jul.-dez., 2018.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ECO, Umberto. **História da Feiura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 266-269.
- ELIOT, George. **Daniel Deronda**. Tradução de Marisis Aranha Camargo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ESAGUY, Leão Pacífico. **Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste**. São Paulo: do autor, 1999.
- FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**. Estudos e notas. São Paulo: Humanitas, 2008.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **O judeu errante: a materialidade da lenda**. *Revista Olhar*. Ano 2. N.3. Junho, 2000. p. 1-7.

HELLER, Jonas. *"Los Nuestrós". Os marroquinos na Amazônia. Portal Amazônia Judaica. 2009. Disponível em: www.amazoniajudaica.org/site/detail/detail/detailDetail.asp?detail_id=3189844&printDesignBOO=1. Acesso em 4 de abril de 2020.*

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

JACOB, Paulo. *Chuva Branca*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1981.

JACOB, Paulo. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.

JOZEF, Bella. O olhar judaico: memória e testemunho. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 189-197.

LINS, Wagner. *A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. 2010. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) – Universidade de São Paulo.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad port. Philadelpho Menezes. Campinas, Ed: Editora da Unicamp, 1996.

RIBEIRO, Tomás. A judia. In: MESQUITA, Ary de (Org.). *Poesia*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1958. vol. 2. (Clássicos Jackson).

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Como viemos parar na Amazônia. Revista Morashá. Edição 30, setembro de 2000*. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acessado em 27 mar. 2019.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999.

ROSENBLATT, Sultana Levy. *Uma grande mancha de sol*. Rio de Janeiro: Livraria- Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 665-671.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica; das tábuas da lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SCLIAR, Moacyr. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

SERRUYA, Marcos. *Cabelos de Fogo*. Edição do Autor. Belém. 2010.

SHAKESPEARE, William. *O mercador de Veneza*. Lisboa: Publicações Europa-América, 198-. 2001. (Coleção livros de bolso Europa-America, n.506).

SOUZA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Edição preparada por Sylvia Perlingeiro Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPIELGMAN, Art. *Maus*. Tradução de Antonio Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos na Amazônia*. Março/2005 – Disponível em: http://www.comiteisraelitadomapa.com.br/sc/upload/files/Os_Hebraicos_da_Amazonia.pdf. Acesso em 27 mar. 2019.

VERÍSSIMO, Érico. *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Editora Globo. 1998.

